

**EXPECTATIVAS
DOS EMPRESÁRIOS
AGRÍCOLAS**

Maria do Socorro Rosário

2000-2002

Informação produzida
a partir de um painel
de produtores

Índice

<i>Resumo</i>	2
<i>Introdução</i>	4
<i>1. Principais características do painel de empresários agrícolas</i>	5
<i>2. Evolução das expectativas no período de 1996 a 2000- amostra crescente</i>	7
<i>3. Expectativas para 2000-2002</i>	10
3.1. Intenções de curto prazo para a modificação da empresa.....	10
3.2. O sentido das estratégias de médio prazo	15
3.3. A obtenção de rendimentos não agrícolas	22
3.4. A conjuntura agrícola em 2000	27
3.5. Perspectivas de médio prazo para a situação profissional na agricultura.....	32
3.6. Principais dificuldades sentidas pelo agricultor	37
<i>Conclusões</i>	44

Resumo

A informação sobre expectativas dos empresários agrícolas foi obtida através de entrevistas directas e pessoais realizadas junto de 1 207 produtores aderentes ao sistema RICA. Foram seleccionados cerca de 40% dos efectivos daquele sistema com base em critérios de conveniência, tendo em vista representar diversos segmentos da agricultura nacional.

As entrevistas realizaram-se no mês de Novembro de 1999. Esta informação foi analisada após a integração de informação proveniente da Base de Dados RICA das empresas correspondentes.

A generalidade dos empresários agrícolas encontra-se expectante, sem manifestar grande motivação para introduzir alterações no sistema de produção a curto ou a médio prazo.

As intenções de modificação do sistema de produção em 2000, foram detectadas em cerca de 18% dos inquiridos, com 4.1% e 13.4% dos mesmos, respectivamente, em processos de diminuição e aumento da actividade das empresas e essa perspectiva a médio prazo aumenta nas situações activas para 22.9%, mas curiosamente a expansão mantêm-se igual e cresce a retracção para 9.5% .

Cerca de 80.2% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. No entanto, 18.4% dos empresários pretendem recorrer a fontes de rendimento externas à exploração; apenas 1.4% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa.

Na opinião dos inquiridos, a expectativa relativa ao ano de 2000 assemelha-se à do ano de 1999, com um ligeiro desagravamento das tendências pessimistas para a generalidade dos produtores inquiridos - as opções “pior”, “igual” e “melhor” congregaram 37%, 49% e 14% dos empresários, respectivamente.

Sobre a perspectiva da actividade profissional nos próximos 2/3 anos, 58.1% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional; 33.7% consideraram que o quadro geral irá manter-se, e apenas 8.2% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro.

As dificuldades resultantes do Enquadramento Económico Global da actividade das empresas foram as mais referenciadas pelos inquiridos (53% das respostas); em segundo lugar, de forma distanciada deste primeiro conjunto de dificuldades, foram referidos os Bloqueamentos de Natureza Estrutural das Empresas (21% das respostas).

Os resultados obtidos denotam uma grande sensibilidade aos critérios de dimensão das empresas, orientação produtiva e nível de rendibilidade, idade do produtor e localização das empresas.

Introdução

Qualquer atitude carrega consigo um sem-fim de apreensões, conhecimentos, incertezas e expectativas. As atitudes dos agentes económicos não se encontram fora desse conjunto de argumentos e cada vez mais se posicionam em campos estratégicos delineados por vectores espaciais e temporais. As expectativas são apenas sentimentos, que se querem concretizados, mediante as informações credíveis emitidas por outros agentes, que são captadas, tratadas e elaboradas por cada um interiormente, para de seguida, criar acções dinâmicas ou não, conforme a intensidade do impulso absorvido, desencadeando assim situações para o desenvolvimento ou estagnação, numa ostentação dos conceitos e conhecimentos assimilados.

Este trabalho apresenta informação relativa às expectativas registadas relativamente a uma amostra de Empresários Agrícolas, em trabalho contínuo desde 1996.

Estas expectativas, para 2000-2002, indicam-nos as tendências a curto e médio prazo, das dimensões e actuações por parte do empresário agrícola na sua empresa, da sua ligação à terra na busca de outros rendimentos complementares, das aspirações relativas à conjuntura actual e agrícola, o seu enquadramento profissional a médio prazo e das ocorrências que perturbam o sector agrícola.

A recolha desta informação decorre naturalmente a partir 1996. A inquirição é feita pelos técnicos do MADRP, afectos ao sistema RICA. Estes contactam frequentemente os empresários agrícolas aderentes ao sistema, estando especialmente vocacionados para transmitir, por vezes traduzindo, os mais complexos argumentos dos inquiridos em questão. Os dados são provenientes de uma sub-amostra do painel RICA, que foi orientada por conveniência, para melhor representar os diversos segmentos da agricultura portuguesa.

1. Principais características do painel de empresários agrícolas

A informação obtida relativamente às expectativas de 2000-2002 decorreu de entrevistas directas e pessoais a produtores que integram o painel de explorações agrícolas da RICA (cerca de 40% das observações). As entrevistas realizaram-se centradas no mês de Novembro.

Esta informação foi analisada após a integração de informação proveniente da Base de Dados RICA das empresas correspondentes, designadamente a Idade do Produtor, a Superfície Agrícola Útil da exploração, a sua Dimensão Económica e a Orientação Produtiva (de acordo com a Tipologia Comunitária das Explorações Agrícolas), o Nível de Rendibilidade da empresa e, finalmente, a Região Agrária na qual está localizada.

As observações trabalhadas distribuem-se, segundo os critérios referidos, da forma apresentada no Quadro 1.1. A distribuição do painel por Região Agrária, para além das intenções traçadas no seu delineamento, reflecte também a aderência das estruturas regionais a esta iniciativa de trabalho, donde sobressai a ausência total da região autónoma dos Açores.

A distribuição das empresas por Orientação Produtiva denota um cuidado de representação dos sistemas mais especializados, designadamente na Hortofloricultura e Bovinos.

No que diz respeito à Dimensão Económica da actividade das empresas, verifica-se uma concentração dos efectivos nas classes de dimensão média/média grande.

No que se refere à distribuição do painel pelos três níveis de Rendibilidade considerados (Rendibilidade Global dos Factores observada em 1997), verifica-se que cerca de metade da amostra se situa na classe central de nível de remuneração média dos factores (o que, em si, traduz níveis reduzidos de rendimento em termos absolutos), pertencendo 27% das observações à classe não rendível e 26% ao conjunto de classes de rendibilidade aceitável/alta.

A amostra trabalhada contém uma representação relativamente uniforme dos diferentes grupos etários considerados, variando de 48% dos efectivos nas classes superior a 50 anos, até um máximo de 27% das observações no grupo etário com menos de 40 anos.

Na Superfície agrícola utilizada há uma concentração nas classes com pequena ou pequena/média área.

**Quadro 1.1 - Distribuição das Observações do “Painel Expectativas”
Segundo Principais Características**

Classes: Região Agrária

	nº exp.	%	IE 97
Entre-Douro e Minho	199	16.5	14
Trás-os-Montes	222	18.4	14
Beira Litoral	128	10.6	14
Beira Interior	82	6.8	11
Ribatejo e Oeste	236	19.6	13
Alentejo	201	16.7	11
Algarve	53	4.4	6
Madeira	86	7.1	9
Açores	0	0.0	8
Total	1207	100	100

Classes: Orientação Produtiva

	nº exp.	%	IE 97
Grandes Culturas	117	9.7	11
Horticultura	127	10.5	3
Cult. permanentes	307	25.4	29
Bovinos	205	17.0	9
Ovinos	120	9.9	7
Policultura	135	11.2	20
Agro-pecuária	196	16.2	18
Pecuária sem terra	0	0.0	3
Total	1207	100	100

IE 97-Inquérito às Estruturas das Explorações Agrícolas de 1997

Classes: Dimensão Económica

	nº exp.	%	IE 97
Pequenas	166	13.8	51
Pequenas/médias	185	15.3	17
Médias	331	27.4	13
Médias Grandes	369	30.6	10
Grandes	156	12.9	9
Total	1207	100	10

Classes: Nível de Rendibilidade

	nº exp.	%
Fraco	325	26.9
Médio	562	46.6
Elevado	318	26.3
Total	1207	100

Classes: Idade

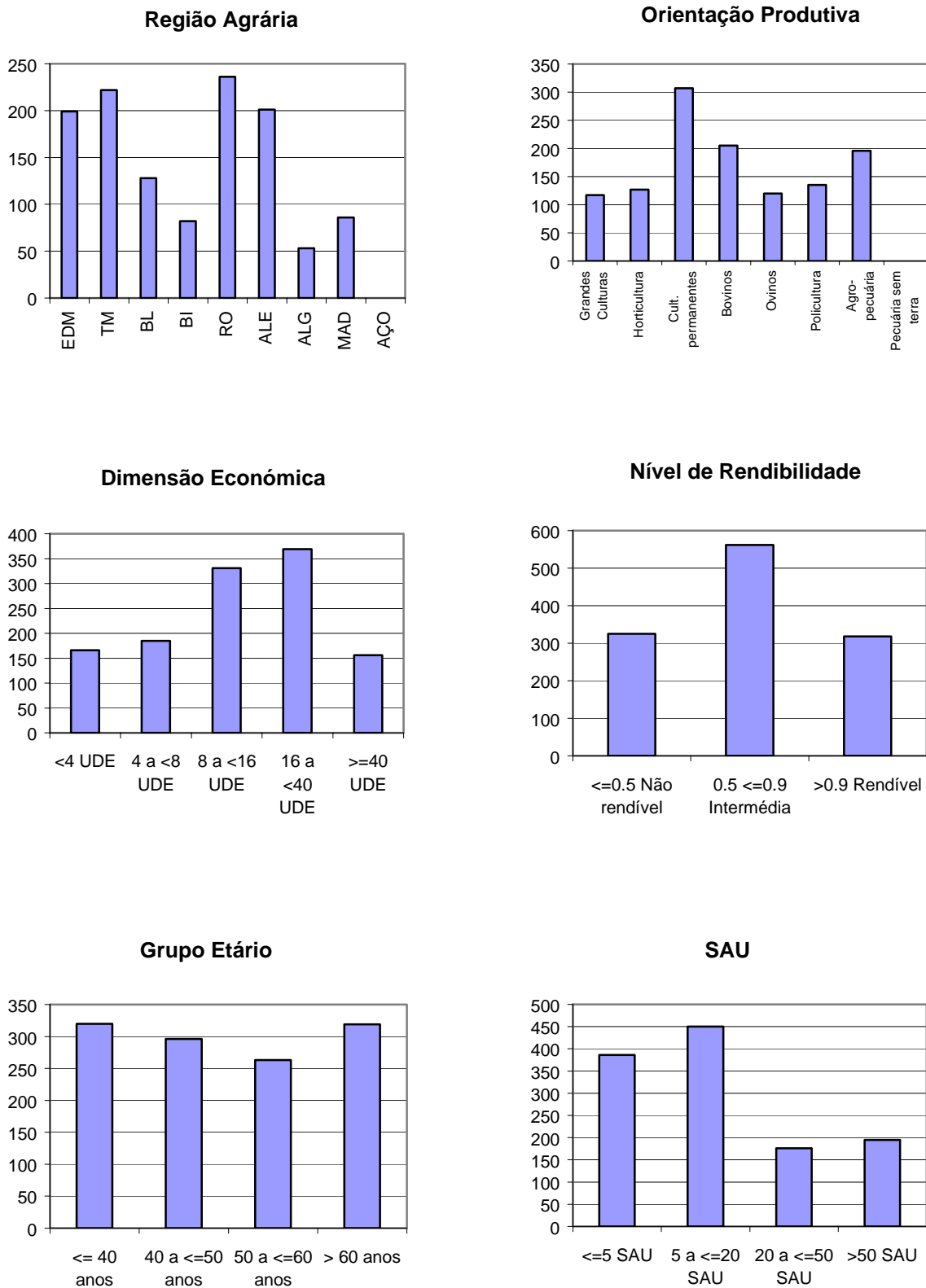
	nº exp.	%
<= 40 anos	320	26.5
40 a <=50 anos	296	24.5
50 a <=60 anos	263	21.8
> 60 anos	319	26.4
Total	1207	100

Classes: SAU

	nº exp.	%
Pequena	386	32.0
Pequena/média	450	37.3
Média	176	14.6
Média/grande	195	16.2
Total	1207	100

Cerca de 69% das observações são constituídas por empresas com menos de 20 ha de Superfície Agrícola Útil, integrando o painel 16% de empresas com mais de 50 ha de área agrícola.

Fig. 1 – COMPOSIÇÃO DO PAINEL DE EMPRESÁRIOS AGRÍCOLAS



2. Evolução das expectativas no período de 1996 a 2000 - amostra constante

A partir da informação recolhida em anos anteriores, é possível observar a evolução verificada nas expectativas dos produtores contactados nas sucessivas operações, com o objectivo de enquadrar os anos na tendência observada nos anos mais recentes. Assim, apesar da composição do painel se ter alterado de um ano para o outro, normalmente por razões que se prendem com a organização interna dos serviços envolvidos, identificaram-se 565 produtores presentes no conjunto de operações.

Desta forma é possível trabalhar os dados de forma agregada, relativamente a questões menos abertas. Para tal, foram utilizados os apuramentos da questão colocada relativamente ao "*futuro (2/3 anos) da profissão de agricultor*", uma vez que esta será, muito provavelmente, aquela que melhor representará a percepção que cada um dos inquiridos possui relativamente ao seu futuro como profissional da agricultura. A posição de cada empresário face à questão colocada foi tratada como pergunta de resposta fechada, prevendo-se as hipóteses "*melhor*", "*igual*" e "*pior*". A evolução verificada contém transferências de posição ao longo deste período, em diversos sentidos.

Quadro 2.1-Evolução das expectativas a Médio Prazo de 1996 a 2000

Tendência	1996		1997		1998		1999		2000	
	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%	nº exp.	%
Pessimista	315	55.8	336	59.5	364	64.4	370	65.5	375	66.4
Expectante	155	27.4	164	29.0	159	28.1	159	28.1	156	27.6
Optimista	95	16.8	65	11.5	42	7.4	36	6.4	34	6.0
Total	565	100	565	100	565	100	565	100	565	100

O pessimismo assume neste período valores entre 55.8% e 66.4% dos inquiridos, aumentando 3.7%, 4.9%, 1.1% e 0,9%, respectivamente, nos anos posteriores a 1996. Este reforço da posição pessimista tem origem no "*grupo pessimista*" de partida (1996) e em cerca de 20% em 1997, 22% em 1998, 18% em 1999 e 2000, daqueles que assumiam uma atitude expectante; de igual forma, o "*grupo optimista*" de 1996 cedeu para o pessimista cerca de 10% dos seus efectivos em 1997 e 8% e 6% em 1998 e 1999 e 5% em 2000.

Por outras palavras, se bem que o fenómeno pessimista tenha tendência a aumentar (10.6% no período em análise), verifica-se que o ritmo desse aumento registou uma tendência decrescente nos últimos anos.

O sentido inverso foi observado dentro dos posicionamentos optimistas, que decresceram ao longo destes anos, a partir de 44.6% dos inquiridos em 1997, de 31.0% em 1998, de 33.3% em 1999 e 20.6% em 2000. Essa mudança de opinião foi realizada pela transferência de cerca de 69.4% do "*grupo optimista*" de 1996 para as outras situações em 1997, de 80.0% em 1998, de 72.4% em 1999 e de 80.6% em 2000.

No entanto, é curioso observar que, em termos relativos, é o grupo pessimista que maiores efectivos cede ao grupo optimista, com 36.9% dos seus efectivos de 1997, 38.1% dos de 1998 e 36.1% em 1999 e 47.1% em 2000. A participação do "*grupo expectante*" ronda, ainda em termos relativos, 18.5%, 31.0%, 30.6% e 32.4% dos seus efectivos nos respectivos anos. De notar, contudo, que o número de empresários que manifestaram expectativas optimistas neste período retraiu-se em cerca de 64.2%.

As atitudes expectantes constituíram um posicionamento quase constante ao longo deste período (cresce 1.6% no primeiro ano e decresce 1% em 1998 e volta a decrescer em 2000 cerca de 0.5%). Em termos do conjunto de inquiridos, o "*grupo expectante*" representa cerca de 27% e 29% do total de inquiridos para os dois primeiros anos, de cerca de 28% para os últimos três anos. Essa manutenção de posição relativa resulta da conjugação de diversos factores: dos empresários que mantiveram as suas posições (os quais representam 48.4%, 45.7%, 44.7% e 51.7% e 51.3% nos cinco anos consecutivos) e também, da alteração de opinião do "*grupo pessimista*" (em 1997, deslocaram-se para esta posição 35.4% dos inquiridos, de 41% em 1998, e nos dois anos seguintes 43%). Apesar de participar com valores mais baixos, o "*grupo optimista*" contribuiu com 18.9%, 14.5%, 5.0% e 6% respectivamente nos quatro anos.

3. Expectativas para 2000-2002

3.1. Intenções de curto prazo para a modificação da empresa

Quanto à intenção de modificação do sistema de produção em 2000, nas respostas obtidas para as opções de *diminuição*, *aumento* e *manutenção* do actual sistema de produção, foram apurados os valores de 4.1, 13.4 e 82.6 % dos inquiridos, (em 1999 foi 2.9%, 8.7% e 88.5%), respectivamente, onde se observa um aumento ligeiro de situações activas com maior valor no aumento do sistema de produção. Verifica-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo, para a generalidade das classes etárias, dos sistemas produtivos; das classes de dimensão económica e nível de rendibilidade assim como a distribuição por todas as regiões.

As intenções de modificação dos sistemas diferem com a classe etária dos empresários. O grupo com menos de 40 anos apresenta uma forte tendência para o desenvolvimento do sistema de produção, assim como a classe seguinte, no conjunto 69% . Note-se que o grupo etário superior a 60 anos é aquele que mais contribui para a estratégias de retracção dos sistema de produção, que com a classe anterior soma 68% das intenções.

Quadro 3.1.1-Estratégias de curto prazo por Classe Etária

Classe Etária	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 40 ANOS	14	16	30	26	42	39	31	27
40 a <=50 ANOS	23	16	25	24	24	30	25	25
50 a <=60 ANOS	20	29	20	23	18	14	20	22
> 60 ANOS	43	39	25	27	16	17	24	26
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	35	49	1081	997	106	161	1222	1207

De 1999 para este ano, a diminuição acentuou-se apenas na classe etária de 50 a 60 anos, enquanto que no aumento, encontra-se principalmente na classe de 40-50 anos.

Em termos de dimensão física, as intenções de modificação no sentido da diminuição encontram-se distribuídas pelas duas classes de menor dimensão física. O aumento é mais característico dos empresários que trabalham em dimensões compreendidas entre 5 a 50 ha e também na classe de dimensão superior a 50 ha.

Quadro 3.1.2 - Estratégias de curto prazo por classe de Dimensão Física (SAU)

Dimensão Física (SAU)	Diminuição		S/ Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 5 ha	32	45	32	34	20	16	31	32
5 a <=20 ha	37	41	36	36	42	42	37	37
20 a <=50 ha	14	8	15	14	21	23	15	15
> 50 ha	17	6	17	16	17	19	17	16
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	35	47	1081	1126	106	140	1222	1313

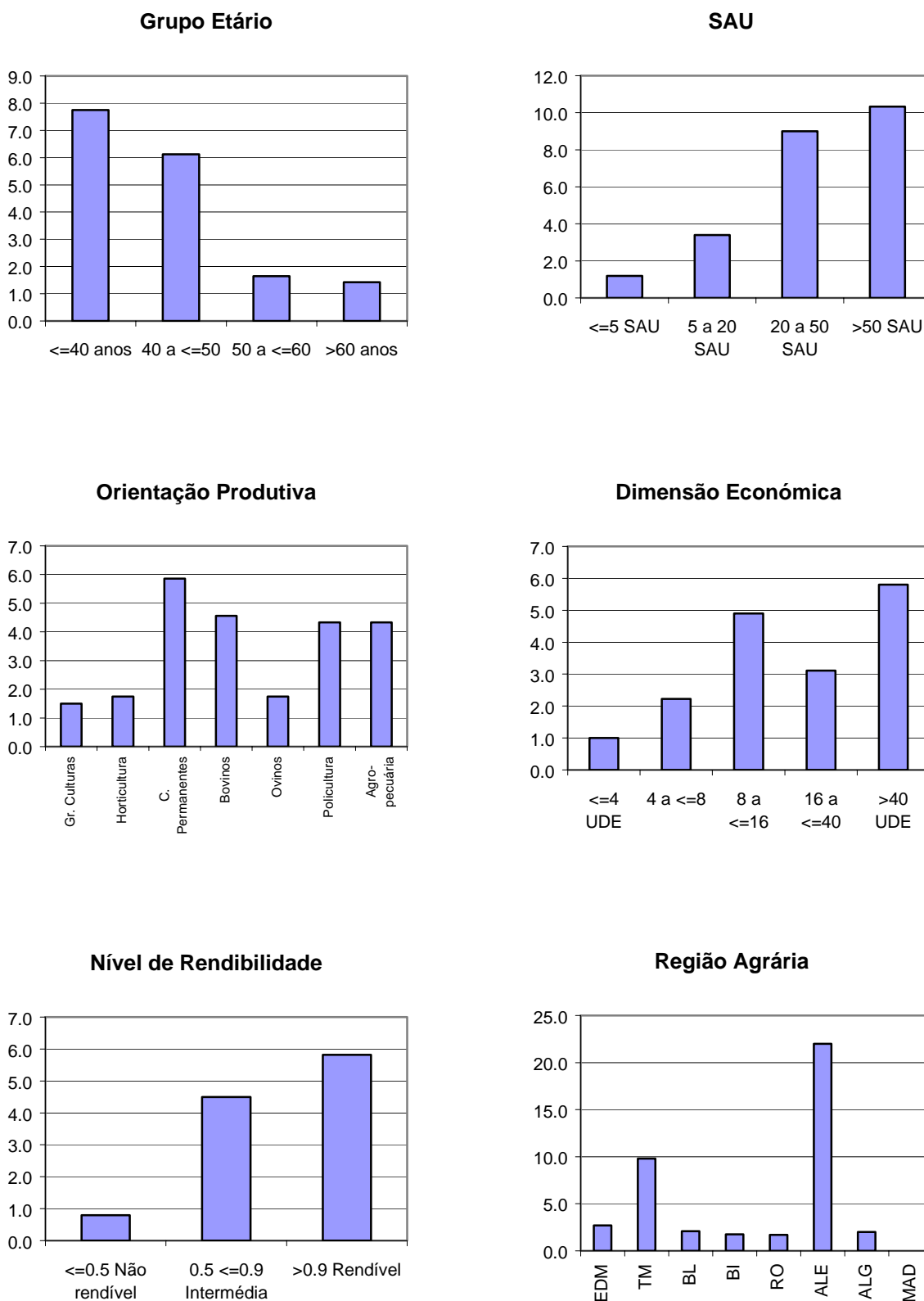
De um ano para o outro, nota-se uma concentração nas classes de menos de 20 ha para a diminuição, e das classes superiores a 20 ha no sentido do aumento.

Esta relação difere também de acordo com a Orientação Produtiva das empresas. Nas empresas especializadas em Bovinos, é assinalável a prevalência da tendência para a expansão sobre a retracção, como também em Culturas Permanentes e Agro-Pecuária.

Verifica-se que, nas empresas orientadas para as Grandes Culturas, Horticultura e Ovinos, a tendência para a diminuição da exploração é mais frequente.

Nos dois anos em causa, a OTE Bovinos apresenta valores acentuados nas 2 posições activas prevalecendo o aumento sobre a diminuição e também na Horticultura, e mais ligeiro nas Culturas Permanentes e Ovinos. O aumento verifica-se com grande intensidade na Agro-Pecuária.

Fig. 2 – PERSPECTIVAS DE CURTO PRAZO PARA AUMENTO OU DIMINUIÇÃO DA DIMENSÃO DAS EMPRESAS
 Relação entre o número de empresários que tencionam aumentar por cada empresa que pretende diminuir a actividade em 2000



Quadro 3.1.3 - Estratégias de Curto Prazo por Classe de Orientação Produtiva (OTE)

Orientação Produtiva (OTE)	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
Grandes Culturas	20	16	10	10	9	8	10	10
Horticultura	9	16	11	10	9	9	11	11
Cult. Permanentes	12	15	24	26	33	25	25	25
Bovinos	14	19	16	16	15	25	16	17
Ovinos	14	16	10	10	12	9	10	10
Policultura	17	6	12	12	11	8	11	11
Agro-pecuária	14	12	15	16	9	16	15	16
Pecuária sem terra	0	0	2	0	2	0	2	0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	35	49	1081	997	106	161	1222	1207

Relativamente à Dimensão Económica da actividade das empresas, verifica-se que as classes com dimensão superior a 8 UDE, são as mais susceptíveis de modificações no sentido do aumento do sistema, especialmente as de maior UDE. Na classe de 16 a 40 UDE, por outro lado, concentra-se os que pretendem a diminuição e também na de 4 a 8 UDE com menor intensidade.

Quadro 3.1.4 - Estratégias de Curto Prazo por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Classes: UDE	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<4 UDE	14	14	17	15	5	4	15	14
4 a <8 UDE	34	19	17	16	20	12	18	15
8 a < 16 UDE	13	20	28	27	28	31	28	27
16 a < 40 UDE	17	37	28	30	27	35	28	31
>= 40 UDE	12	10	10	12	20	18	11	13
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	35	49	1081	997	106	161	1222	1207

Ao compararmos os dois anos, a diminuição acentua-se nas classes de 8 a 40 UDE e o aumento progride nas mesmas classes mas com menor amplitude.

As intenções de modificação distinguem-se igualmente quando se consideram os diversos níveis de Rendibilidade das empresas, verificando-se uma clara tendência

para o aumento na classe de maior nível de Rendibilidade, uma tendência para a re-tracção na classe com menor nível de Rendibilidade.

Quadro 3.1.5- Estratégias de Curto Prazo por Nível de Rendibilidade

Nível De Rendibilidade	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
< = 0.5	37	41	22	29	14	10	22	27
0.5 a <=0.9	51	37	51	47	50	50	50	47
>0.9	12	22	27	24	36	40	28	26
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	35	49	1081	995	106	161	1222	1207

A tendência dos anos em causa mostra uma concentração da diminuição nas classes extremas e de aumento na classe rendível.

A estratégia da diminuição está presente com intensidade nas regiões de Ribatejo e Oeste, Entre Douro e Minho e Beira Litoral, que também participam no movimento de aumento, que tem a sua maior expressão em Trás os Montes.

Quadro 3.1.6 - Estratégias de Curto Prazo por Região Agrária

Região Agrária	Diminuição		S/Alteração		Aumento		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
E-Douro e Minho	32	20	19	16	9	17	18	16
Trás-os-Montes	0	10	18	17	21	30	17	18
Beira Litoral	17	20	11	10	17	13	12	11
Beira Interior	17	8	7	7	8	4	8	7
Ribatejo e Oeste	20	32	18	20	27	17	19	20
Alentejo	14	2	17	18	16	14	17	17
Algarve	0	6	2	4	0	4	2	4
R. A. da Madeira	0	0	8	8	2	1	7	7
R. A. Açores	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	35	49	1081	995	106	161	1222	1207

De um ano para o outro, comparando os dois anos o Ribatejo e Oeste apresenta a maior concentração da diminuição, e a expansão encontra-se repartida entre Trás os Montes e Entre Douro e Minho.

3.2. O sentido das estratégias de médio prazo

O sentido imprimido a médio prazo à exploração agrícola foi retratado através de três opções principais, designadamente a *manutenção*, a *expansão* e a *retracção* dos sistemas, tendo cada uma delas atingido globalmente 82.2%, 13.4% e 9.5% dos inquiridos, respectivamente, e apresentaram valores relativamente semelhantes ao ano anterior, cerca de 85.7%, 8.8% e 5.5%, tendo aumentado as situações activas, mais no sentido da retracção.

Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase uniforme por todas as regiões trabalhadas.

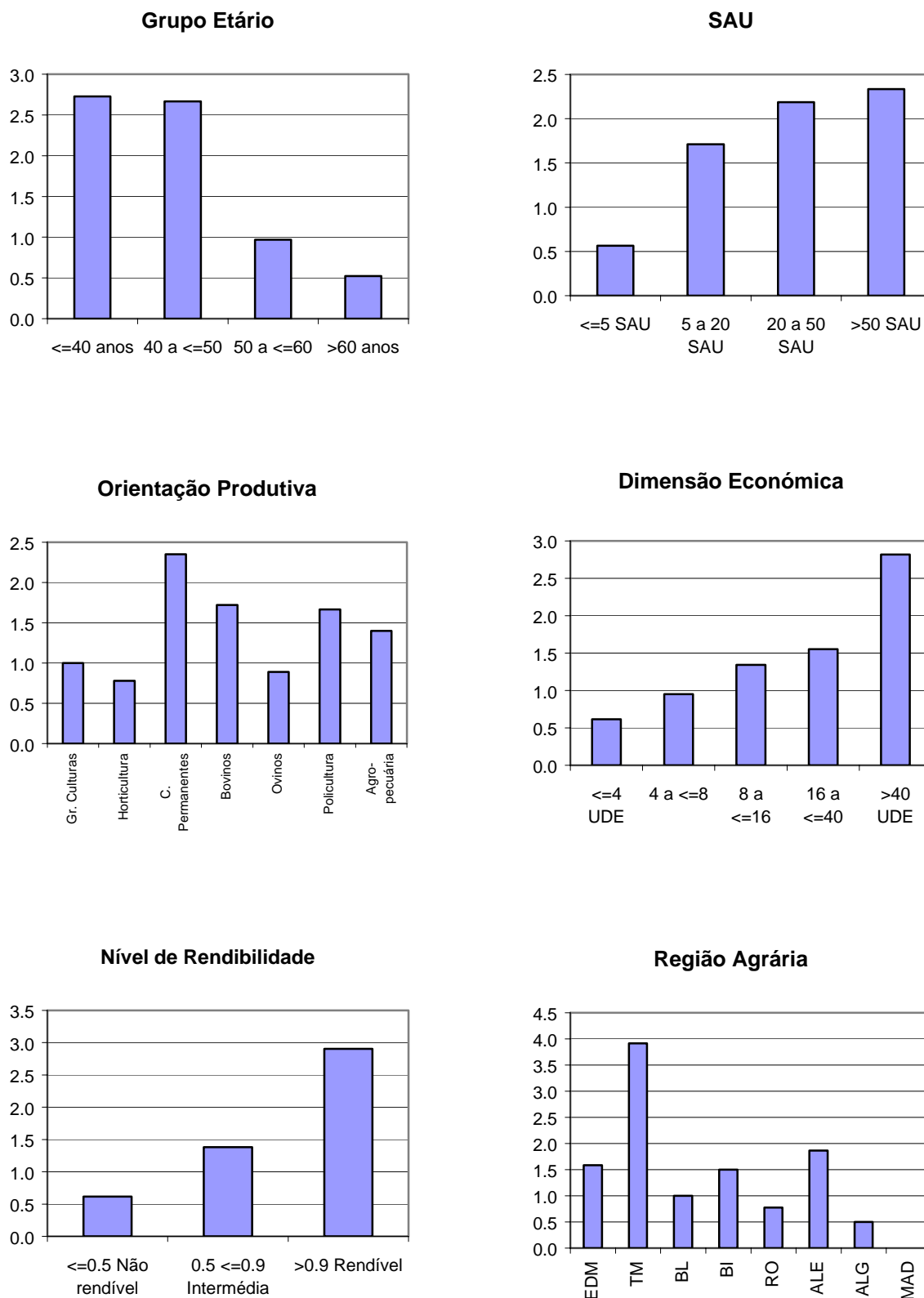
Considerando a decomposição das estratégias identificadas por Classe Etária (Quadro 3.2.1), verifica-se que a retracção é a opção de 38% dos empresários com mais de 60 anos. Por outro lado, no grupo formado pelos empresários com idade menor ou igual a 40 anos, 37% pretende, a médio prazo, concretizar uma estratégia de aumento sensível do actual sistema de produção.

Quadro 3.2.1- Estratégias de médio prazo por Classe Etária

Classe Etária	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 40 ANOS	12	19	32	26	33	37	31	27
40 a <=50 ANOS	19	16	26	25	27	30	25	25
50 a <=60 ANOS	24	27	19	22	20	19	20	22
> 60 ANOS	45	38	23	27	20	14	24	26
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	67	115	1047	931	108	161	1212	1207

Fig. 3 - PERSPECTIVAS DE MÉDIO PRAZO PARA EXPANSÃO OU RETRACÇÃO DAS EMPRESAS

Relação entre o número de empresários que tencionam expandir por cada empresa que pretende retrain a actividade em 2000



De um ano para o outro, são as classes mais nova e de 50 a 60 anos, que pretendem retrain a empresa, e a expansão se verifica nas duas classes mais jovens.

Os apuramentos por classe de SAU indicam que a retracção se concentra nas empresas com menos de 5 ha de SAU. A expansão concentra-se, fortemente, nas classes com mais de 5 ha de SAU.

Quadro 3.2.2 - Estratégias de médio prazo por classe de Dimensão Física

Dimensão Física (SAU)	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 5 ha	33	40	33	34	14	16	31	32
5 a <=20 ha	37	33	36	37	44	40	37	37
20 a <=50 ha	15	14	15	13	20	22	15	15
> 50 ha	15	13	16	16	22	22	17	16
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	67	115	1047	931	108	161	1212	1207

Por tendência, a relação entre os dois anos mostra um aumento da retracção na classe menor, enquanto que a expansão é efectuada pelas duas classes de maior dimensão física e também pela mais pequena.

Relativamente às orientações produtivas, os dados trabalhados sugerem-nos que as empresas predominantemente orientadas para Culturas Permanentes representam cerca de 29% das opções de expansão e 17% de retracção, e as empresas orientadas para os Ovinos e Horticultura, apresentam também intenções de retracção em cerca de 16 % dos casos observados e Grandes Culturas com 15%; os Bovinos, com 19% para a expansão.

De um ano para o outro verifica-se uma ligeira concentração de expansão, nas Grandes Culturas e na Horticultura e é nestas duas orientações, onde se verifica também uma maior concentração de retracção.

Quadro 3.2.3- Estratégia de Médio Prazo por Orientação Produtiva

Orientação	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
Produtiva								
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
Grandes Culturas	12	15	10	9	9	11	10	10
Horticultura	5	16	12	10	4	9	11	11
Cult. Permanentes	21	17	24	26	36	29	25	25
Bovinos	17	16	16	17	18	19	16	17
Ovinos	19	16	9	9	9	10	10	10
Policultura	13	7	12	12	11	9	11	11
Agro-pecuária	13	13	15	17	12	13	15	16
Pecuária sem terra	0	0	2	0	1	0	2	0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	67	115	1047	931	108	161	1212	1207

Quando observada a decomposição do painel através da Dimensão Económica das empresas, verifica-se uma maior predisposição para a retracção nas três classes intermédias de UDE. O valor da expansão é superior nas duas classes maiores.

Quadro 3.2.4 - Estratégias de Médio Prazo por Classe de Dimensão Económica

Classes: UDE	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<4 UDE	18	11	17	16	4	5	15	14
4 a <8 UDE	34	18	17	16	19	12	18	15
8 a < 16 UDE	24	28	28	27	25	27	28	27
16 a < 40 UDE	18	33	28	29	32	37	28	31
>= 40 UDE	6	10	10	12	20	19	11	13
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	67	115	1047	931	108	161	1212	1207

Quando se relaciona os dois últimos anos observa-se um aumento da retracção nas classes com mais de 8 UDE, assim como a expansão é repartida entre as classes de menos de 4 UDE e entre 8 a 40 UDE.

Os apuramentos efectuados com base no nível de Rendibilidade indicam que, tal como no curto prazo, as empresas mais rendíveis possuem maior apetência para a expansão dos sistemas produtivos do que as que obtiveram resultados económicos de nível inferior.

Quadro 3.2.5 - Estratégias de Médio Prazo por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 0.5	39	41	22	29	11	10	22	27
0.5 a <=0.9	48	37	50	47	57	50	50	47
>0.9	13	22	28	24	32	40	28	26
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	67	115	1047	931	108	161	1212	1207

Comparando os dois anos, é no grupo de rendimento mais fraco que se verifica um aumento de concentração de percentagens na retracção e no mais rendível sucede o mesmo mas no sentido da expansão.

Nas regiões agrárias, a retracção concentra-se em Ribatejo e Oeste, enquanto que em Trás os Montes é precisamente ao contrário, a expansão é a tendência.

Quadro 3.2.6 - Estratégias de Médio Prazo por Região Agrária

Região Agrária	Retracção		Manutenção		Expansão		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
E-Douro e Minho	22	11	18	18	17	12	18	17
Trás-os-Montes	2	11	18	17	24	29	17	18
Beira Litoral	19	10	12	11	10	8	12	11
Beira Interior	14	7	7	7	13	8	8	7
Ribatejo e Oeste	19	38	19	17	15	21	19	20
Alentejo	18	13	16	17	19	17	17	17
Algarve	3	10	2	4	2	3	2	4
R. A. da Madeira	3	0	8	9	0	2	7	7
R.A. Açores	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Total de Explorações	67	115	1047	931	108	161	1212	1207
----------------------	----	-----	------	-----	-----	-----	------	------

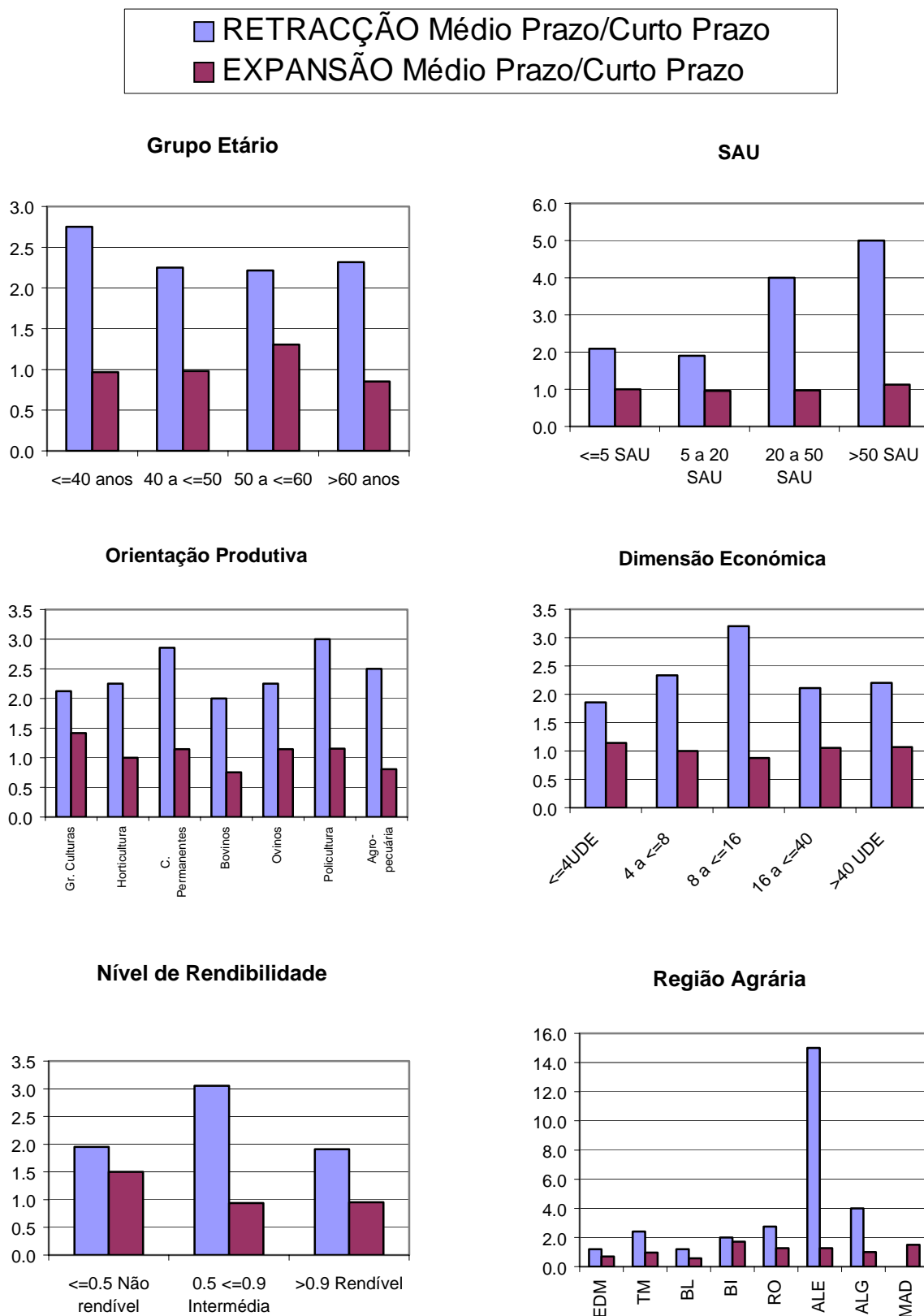
Comparando os dois anos, a retracção duplica no Ribatejo e Oeste e eleva-se em Trás os Montes e Algarve. Por seu lado a expansão acentua-se em Trás os Montes, é ligeiro em Ribatejo e Oeste e também no Algarve. De salientar que estas três regiões funcionam activamente nos dois sentidos.

Os resultados obtidos relativamente às estratégias de médio prazo podem ser confrontadas com as intenções de curto prazo atrás referidas. A relação estabelecida entre as respostas a estas duas questões foi efectuada relacionando o número de inquiridos que manifestaram o mesmo tipo de intenção activa para as suas empresas a médio e curto prazo.

A médio prazo prevê-se uma retracção maior do que a que se está a dar, mas numa relação de cerca de duas empresas a médio prazo para uma a curto prazo. No que se refere à expansão, a relação médio/curto prazo, o valor é a unidade, donde o crescimento da situação de retracção é proveniente dos que indicaram a manutenção.

Fig.4 – A RETRACÇÃO E A EXPANSÃO A CURTO E MÉDIO PRAZO

Relação entre o número de empresas com alterações previstas a médio prazo por cada empresa alterada a curto prazo em 2000



3.3. A obtenção de rendimentos não agrícolas

Auscultou-se a intenção de obter novas fontes de rendimentos (não agrícolas) ou de reforçar as já existentes, diferenciando-se os rendimentos obtidos de forma exterior à empresa dos que nela são realizados.

Cerca de 80.2% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. No entanto, 18.4% dos produtores contactados pretendem recorrer a fontes externas à exploração, mas apenas 1.4% admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa, percentagens relativamente semelhantes ao do ano anterior com 87%, 11% e 2% respectivamente.

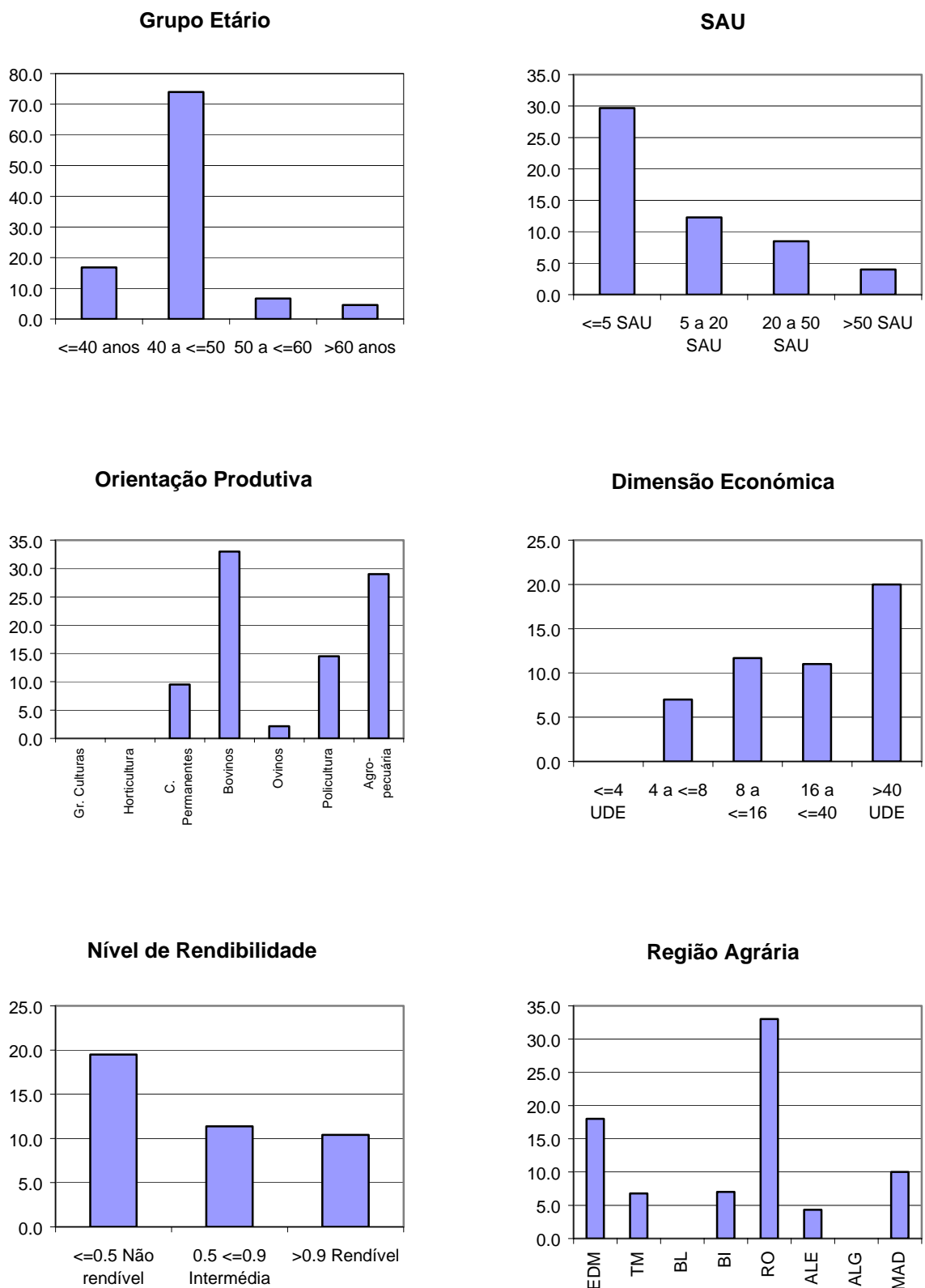
A procura de rendimentos complementares por classe etária indica a preferência das opções externas na empresa pelos grupos com idade inferior aos 50 anos. O grupo mais jovem procura, tendencialmente, rendimentos complementares, com valores de 38% e 29 % para ambas as situações. Dentro da exploração, é o grupo de 50 a 60 anos, que mais predomina.

Quadro 3.3.1 - Rendimentos Complementares por Classe Etária

Classe Etária	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 40 ANOS	41	38	29	25	29	29	31	27
40 a <=50 ANOS	33	34	24	23	19	6	25	25
50 a <=60 ANOS	17	18	20	22	33	36	20	22
> 60 ANOS	9	10	27	30	19	29	24	26
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	139	221	1062	964	21	17	1212	1207

Fig. 5 – PERSPECTIVAS PARA A PROCURA DE RENDIMENTOS COMPLEMENTARES NÃO AGRÍCOLAS

Relação entre o número de empresários que tencionam obter rendimentos exteriores à empresa por cada empresário que os pretende realizar dentro da exploração



Nos dois anos a tendência mantém-se para a procura exterior em todos os grupos etários com predominância nos dois grupos mais jovens, enquanto que os rendimentos complementares provenientes de dentro da exploração tem um acréscimo significativo no grupo de 50 a 60 anos e ainda maior no grupo mais velho.

A procura de rendimentos complementares, quando analisada por classes de SAU indica uma maior frequência desta opção nas classes de dimensão pequena/média, nas classes de menos de 20 ha de SAU. Porém, é na classe de 5 a 20 ha de SAU que 41% dos produtores estão abertos à busca de rendimentos complementares dentro da própria exploração.

Quadro 3.3.2- Rendimentos Complementares por Classe de Área (SAU)

Dimensão Física (SAU)	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 5 ha	40	40	31	30	10	18	31	32
5 a <=20 ha	45	39	35	37	47	41	37	37
20 a <=50 ha	11	15	16	14	10	24	15	15
> 50 ha	4	5	18	19	33	18	17	16
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	139	221	1062	964	21	17	1212	1207

Ao relacionar os dois anos a tendência mantém-se na procura externa, com excepção da classe de 20 a 50 ha, que aumenta e dentro da exploração aumentam nas classes de menos de 5 ha e de 20 a 50 ha.

Quando analisadas as intenções de busca de rendimentos complementares por orientação produtiva, verificou-se uma maior frequência desta intenção nos sistemas produtivos de Culturas Permanentes, quer no que diz respeito a rendimentos exteriores à exploração, quer nos rendimentos internos principalmente, acompanhando os ovinos que congregam 41% dos Inquiridos.

Quadro 3.3.3- Rendimentos Complementares por Orientação Produtiva

Orientação	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
Produtiva	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
Grandes Culturas	7	11	10	10	5	0	10	10
Horticultura	14	15	11	10	0	0	11	11
Cult. Permanentes	27	26	24	25	38	35	25	25
Bovinos	19	15	16	17	9	6	16	17
Ovinos	8	7	10	10	24	41	10	10
Policultura	11	13	12	11	19	12	11	11
Agro-pecuária	12	13	15	17	5	6	15	16
Pecuária sem terra	2	0	2	0	0	0	2	0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	139	221	1062	964	21	17	1212	1207

De um ano para o outro verifica-se uma concentração de busca exterior nas Grandes Culturas. A proveniência de rendimentos de dentro da exploração continua a ser indicada pelos Ovinos.

Quando observada a decomposição do painel através da Dimensão Económica das empresas, verifica-se uma maior predisposição para o complemento exterior das três classes de menor UDE. A utilização de rendimentos gerados no interior da empresa, é feita pelas duas classes de 4 a 16 UDE.

Quadro 3.3.4 - Rendimentos Complementares por Classe de Dimensão Económica

Classes: UDE	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<4 UDE	24	19	14	13	19	0	15	14
4 a <8 UDE	21	16	18	15	28	29	18	15
8 a < 16 UDE	27	31	28	26	5	36	28	27
16 a < 40 UDE	20	25	29	32	24	29	28	31
>= 40 UDE	8	9	11	14	24	6	11	13
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	139	221	1062	964	21	17	1212	1207

Quando se relaciona os dois últimos anos, o complemento externo aumenta significativamente nas duas classes, de 8 a 40 UDE, e aumenta substancialmente de valor na obtenção de rendimentos dentro da exploração, na classe de 8 a 16 UDE.

Os apuramentos efectuados com base no nível de Rendibilidade indicam que, as empresas mais rendíveis possuem maior apetência para a obtenção de rendimentos dentro da exploração, contrariamente das menos rendíveis que procuram fora.

Quadro 3.3.5 - Rendimentos Complementares por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 0.5	27	35	21	25	19	24	22	27
0.5 a <=0.9	48	41	51	48	38	47	50	47
>0.9	25	24	28	27	43	29	28	26
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	139	221	1062	964	21	17	1212	1207

Comparando os dois anos é no grupo não rendível que se verifica aumentos de percentagens na busca externa e interna, sendo neste último caso, também na classe dos que têm um nível de rendimento intermédio.

A busca de rendimentos exteriores distribuem-se com maior intensidade nas regiões do Ribatejo e Oeste e de Entre Douro e Minho. Essa mesma busca feita dentro da própria exploração é sugerida pelas regiões de Trás os Montes e Beira Interior.

Quadro 3.3.6 - Rendimentos Complementares por Região Agrária

Região Agrária	Exterior		Apenas Act. Agrícola		Interior		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
E-Douro e Minho	26	24	17	15	14	18	18	16
Trás-os-Montes	9	15	19	19	14	28	17	19
Beira Litoral	19	8	12	11	0	0	12	11
Beira Interior	9	10	7	6	24	18	8	7
Ribatejo e Oeste	26	30	18	17	14	12	19	20
Alentejo	6	6	18	19	24	18	17	17
Algarve	3	2	1	5	0	0	2	4
R. A. da Madeira	2	5	8	8	10	6	7	7
R.A. Açores	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Total de Explorações	139	221	1062	964	21	17	1212	1207
----------------------	-----	-----	------	-----	----	----	------	------

Comparando os dois anos, continua a tendência das regiões de Trás os Montes e Ribatejo e Oeste no complemento externo, enquanto que dentro da exploração a região de Trás os Montes duplica o valor.

3.4. A conjuntura agrícola em 2000

A questão foi colocada numa altura em que ainda não se configuravam as características que marcam o momento presente da campanha agrícola de 1999/2000. A maior parte dos empresários foram inquiridos nos seguintes termos: “*Como considera o ano agrícola de 2000 em relação ao ano de 1999?*”. Optou-se por uma pergunta com resposta fechada, prevendo-se as opções “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*”. Globalmente, foram apurados os valores de 37%, 49,2% e 13,8% respectivamente, (no ano anterior foram apurados os valores de 39,4%, 40,7% e 20,0%), o que denota, uma tendência relativamente pessimista para a generalidade dos produtores inquiridos, apesar de algum aumento da manutenção da situação.

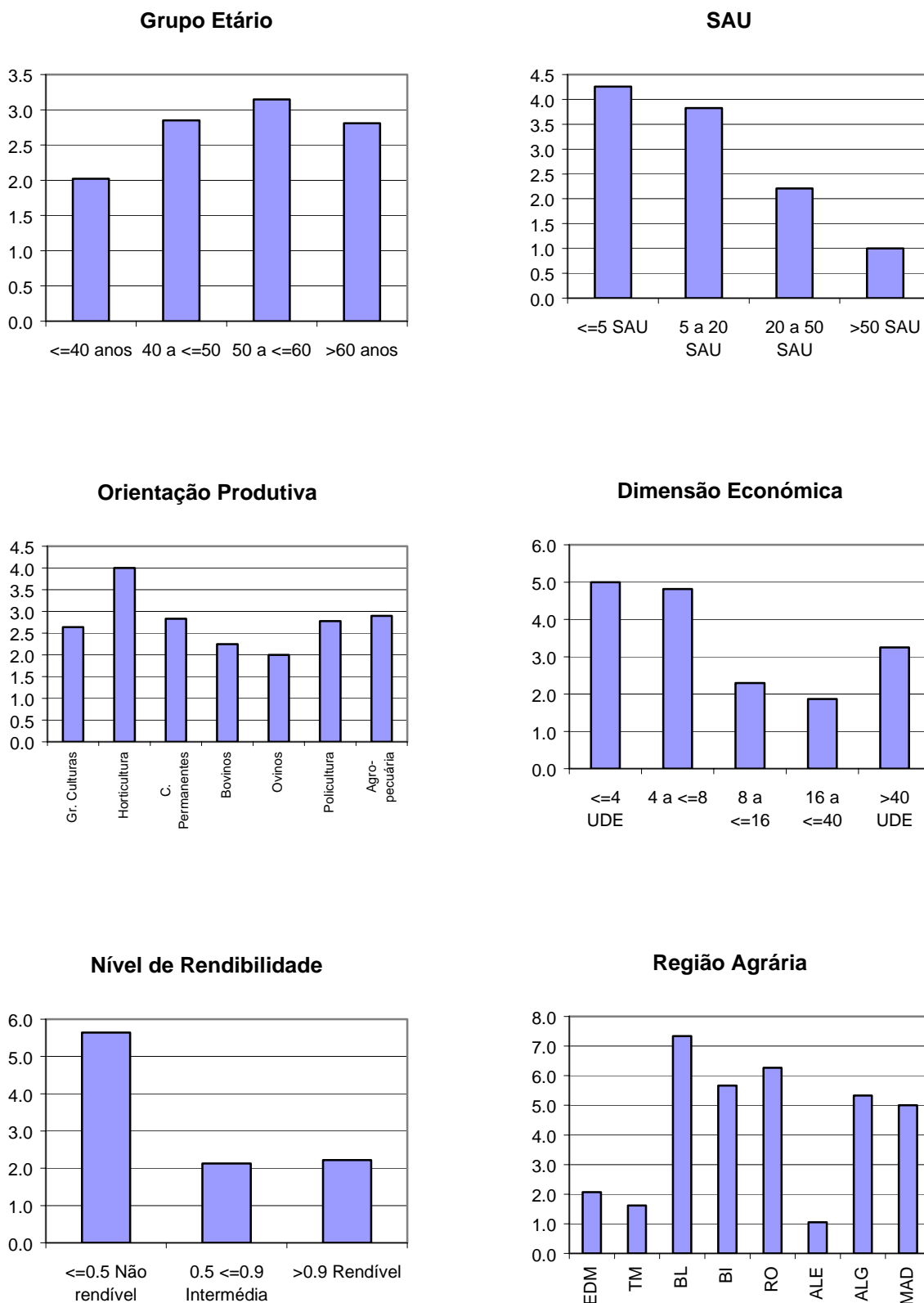
A tendência a piorar é assinalada por todos os grupos etários, com maior ênfase das classes com mais de 40 anos. A situação será melhor, é acentuadamente dada pelos grupos com idade superior a 60 anos e inferior a 40 anos.

Quadro 3.4.1 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Classe Etária

Classe Etária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 40 ANOS	29	21	36	32	23	28	31	27
40 a <=50 ANOS	26	26	25	24	23	24	25	25
50 a <=60 ANOS	18	24	19	20	25	20	20	22
> 60 ANOS	27	29	20	24	29	28	24	26
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	481	446	497	594	244	167	1212	1207

Fig. 6 – A CONJUNTURA PARA 2000

Relação entre o número de empresária pessimistas por cada empresário optimista



Por comparação dos anos, o pessimismo acentua principalmente nas classes com mais de 50 anos, e por sua vez são as únicas classes que não aumentam a tendência de melhoria.

Em relação às classes de SAU, o optimismo é encontrado com maior frequência na classe com mais de 50 ha e o pessimismo situa-se nas duas classes de menor SAU.

Quadro 3.4.2- O ano decorrente relativamente ao anterior, por Classe de SAU

Dimensão Física (SAU)	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 5 ha	32	33	33	34	26	21	31	32
5 a <=20 ha	38	40	32	38	42	28	37	37
20 a <=50 ha	13	14	17	14	17	17	15	15
> 50 ha	17	13	18	14	15	34	17	16
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	481	446	497	594	244	167	1212	1207

Em relação aos anos considerados, o pessimismo aumenta ligeiramente nas 3 classes de menor SAU. O optimismo cresceu acentuadamente na classe com mais de 50 ha e manteve-se na de 20 a 50 ha.

Quadro 3.4.3 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Orientação Produtiva

Classes: OTE	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
Grandes Culturas	13	13	8	6	8	13	10	9
Horticultura	10	9	14	13	6	6	11	8
Cult. Permanentes	19	23	22	29	41	22	25	22
Bovinos	19	16	15	17	11	19	16	23
Ovinos	10	9	10	10	9	12	10	10
Policultura	13	11	12	11	9	11	11	11
Agro-pecuária	12	19	18	14	16	17	15	15
Pecuária sem terra	4	0	1	0	0	0	2	2
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	481	446	497	594	244	167	1212	1207

Na decomposição da amostra por Orientação Produtiva verifica-se que as empresas orientadas para as Culturas Permanentes e para a Agro-Pecuária, consideram o ano de 2000 pior do que 1999; e em conjunto com as de orientação para Culturas Permanentes e Bovinos participam em 71% na penalização do ano de 2000. À data do inquérito, 22% das empresas com orientação para as Culturas Permanentes e 19% das empresas de Bovinos, consideraram 2000 melhor do que o ano anterior, acompanhadas pelas com orientação de Grandes Culturas, Ovinos, Policultura e agro-Pecuária, com menor frequência apresentada.

A relação entre os dois tempos mostram um acréscimo do pessimismo nas empresas orientadas para as Culturas Permanentes e para a Agro-Pecuária, assim como um aumento acentuado do optimismo nas de Bovinos e Grandes Culturas, principalmente.

Dentro das classes de Dimensão Económica, o ano de 2000 é considerado relativamente melhor nas classes acima de 8 UDE e abaixo de 40 UDE. O pessimismo provém, com maior incidência, das classes intermédias.

Quadro 3. 4. 4 - O ano decorrente relativamente ao anterior por Classe de Dimensão Económica

Classes: UDE	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<4 UDE	16	13	17	16	12	7	15	14
4 a <8 UDE	18	17	18	16	17	10	18	15
8 a < 16 UDE	28	26	26	27	30	30	28	27
16 a < 40 UDE	26	29	29	29	29	41	28	31
>= 40 UDE	12	15	10	12	12	12	11	13
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	481	446	497	594	244	167	1212	1207

Ao relacionar cada ano, observa-se um maior fluxo de pessimismo das duas classes de maior dimensão económica, e na classe de 16 a 40 UDE o fluxo é de sentido contrário e ainda maior.

Relativamente aos níveis de Rendibilidade das empresas e em comparação do ano agrícola de 2000 com o ano de 1999, apresenta algumas diferenças entre as diferentes classes consideradas, como da classe intermédia que prevê um certo optimismo e de rendibilidade fraca em maior pessimismo.

Quadro 3.4.5 - O ano decorrente relativamente ao anterior por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
< = 0.5	23	32	22	27	18	15	22	25
0.5 a <=0.9	51	43	49	47	53	55	50	46
>0.9	26	25	29	26	29	30	28	29
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	481	446	497	594	244	167	1222	1207

E são essas classes que mais contribuem nestes anos, em aumentos quer de optimismo quer de pessimismo.

Relativamente às regiões agrárias, o pessimismo e o optimismo encontram-se distribuído com alguma incidência no Ribatejo e Oeste e na Beira Litoral.

Quadro 3.4.6 - O ano decorrente relativamente ao anterior, por Região Agrária

Região Agrária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
E-Douro e Minho	18	13	18	18	19	13	18	16
Trás-os-Montes	11	13	22	21	21	13	17	18
Beira Litoral	14	15	10	9	13	15	12	11
Beira Interior	7	8	8	7	10	8	8	7
Ribatejo e Oeste	21	27	17	17	18	27	19	20
Alentejo	19	14	14	14	17	13	17	17
Algarve	2	3	2	6	0	4	2	4
R. A. da Madeira	8	7	9	8	2	7	7	7

R.A. Açores	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	481	446	497	594	244	167	1212	1207

Na comparação dos anos, na região do Ribatejo e Oeste principalmente acentua-se os dois movimentos activos. O optimismo é transmitido por regiões como Algarve e Madeira.

3.5. Perspectivas de médio prazo para a situação profissional na agricultura

Quando questionados sobre a perspectiva da vida profissional nos próximos 2/3 anos, através das opções de resposta de “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*”, 58.1% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 33.7% consideraram que o quadro geral irá manter-se, e apenas 8.2% encaram com maior optimismo o seu enquadramento profissional futuro. Por outras palavras, estes resultados, quando comparados com os da questão anterior, denotam um certo agravamento da perspectiva pessimista já referida para o corrente ano. No ano anterior para esta questão foram observados os valores de 59.8%, 31.8% e 8.4% respectivamente.

Relativamente aos grupos etários considerados, verifica-se que é na classe mais jovem que se encontram níveis de resposta optimista, com cerca de 40% do global. O pessimismo está instalado na classe de mais de 60 anos.

Quadro 3.5.1 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe Etária

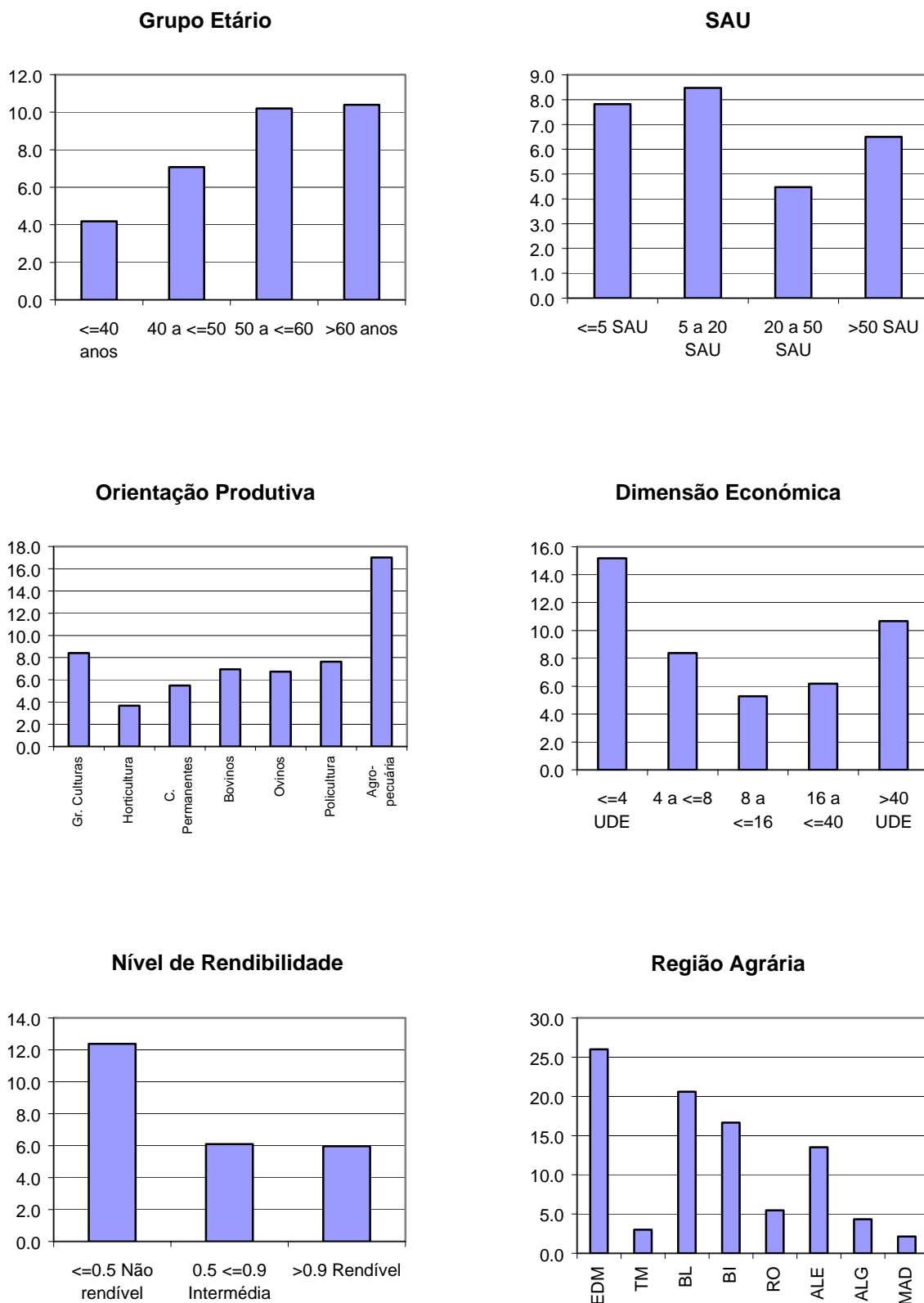
Classe Etária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 40 ANOS	27	23	24	31	43	40	31	27
40 a <=50 ANOS	26	25	27	23	19	25	25	25
50 a <=60 ANOS	19	22	21	23	17	15	20	22
> 60 ANOS	28	30	18	23	21	20	24	26
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Expectativas dos Empresários Agrícolas 2000-2002

Total de Explorações	731	701	388	407	103	99	1222	1207
-----------------------------	------------	------------	------------	------------	------------	-----------	-------------	-------------

Fig. 7 – PERSPECTIVAS A MÉDIO PRAZO

Relação entre o número de empresários pessimistas por cada empresário optimista



Nos anos em causa, o pessimismo aumenta em classes com mais de 50 anos, e nas mais jovens verifica-se uma pequena diminuição. Em relação ao optimismo, ele está concentrado nas classes mais jovens, apesar de um pequeno decréscimo, e aumenta na de 40 a 50 anos.

Nas diversas classes de SAU verificou-se que o pessimismo está mais instalado nas duas classes de menor dimensão física, enquanto o optimismo encontra-se nas classes maiores, relativamente.

Quadro 3.5.2 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe de Área (SAU)

Dimensão Física	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
(SAU)								
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 5 ha	34	31	30	34	14	28	31	32
5 a <=20 ha	35	39	39	36	35	33	37	37
20 a <=50 ha	12	13	18	15	33	21	15	15
> 50 ha	19	17	13	15	18	18	17	16
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	731	701	388	407	103	99	1212	1207

Nos dois anos o pessimismo apenas aumenta nas duas classes de dimensão física intermédia, enquanto que na maior classe observa-se um valor da mesma ordem de grandeza e muito significativo na classe de dimensão pequena.

As perspectivas profissionais de médio prazo diferem sensivelmente quando se consideram as diferentes orientações produtivas. As explorações de Culturas Permanentes e Bovinos são aquelas onde se verificam perspectivas tanto optimistas como pessimistas, sendo de salientar para o primeiro caso também as empresas ligadas à Horticultura, e Ovinos, e nas mais pessimistas quanto ao futuro próximo, as de Agro-Pecuária.

A tendência pessimista agravou-se nos sistemas com a orientação para a Bovinicultura e Agro-Pecuária, e melhorou para as Grandes Culturas, para Horticultura e Culturas Permanentes, onde cresceu o optimismo.

Quadro 3.5.3- O Futuro da Profissão de Agricultor, por Orientação Produtiva

Classes: OTE	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
Grandes Culturas	12	12	8	6	6	10	10	10
Horticultura	10	8	13	14	8	15	11	11
Cult. Permanentes	21	20	31	34	24	27	25	25
Bovinos	15	18	16	15	24	18	16	17
Ovinos	11	11	8	8	7	11	10	10
Policultura	13	12	10	10	13	11	11	11
Agro-pecuária	13	19	13	13	18	8	15	16
Pecuária sem terra	2	0	2	0	0	0	2	0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	731	701	388	407	103	99	1222	1207

A decomposição das respostas por classe de Dimensão Económica da actividade das empresas mostra que o pessimismo está presente em todas as classes de UDE. As classes de 8 a 40 UDES, com maior percentagem de valores pessimistas, 58%, são também as que agregam maior optimismo, com 72% do total.

Quadro 3.5.4 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Classe de Dimensão Económica (UDE)

Classes: UDE	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<4 UDE	17	13	14	17	8	6	15	14
4 a <8 UDE	19	15	18	16	8	13	18	15
8 a < 16 UDE	26	28	29	24	34	38	28	27
16 a < 40 UDE	25	30	29	31	40	34	28	31
>= 40 UDE	12	14	10	12	10	9	11	13
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	731	701	388	407	103	99	1212	1207

A tendência de aumento de pessimismo nestes anos, encontra-se nas classes com mais de 8 UDE, por outro lado, são as classes com UDE de 4 a 16, onde há aumentos de melhorias com especial destaque da classe de 8 a 16 UDE.

Relativamente às perspectivas dos empresários contidos em cada um dos níveis de rendibilidade considerados neste estudo, verifica-se que a distribuição das respostas,

para a atitude pessimista encontra-se mais no nível de rendibilidade inferior. Na classe de nível intermédio de rendibilidade concentra-se a perspectiva de manutenção da actual situação profissional do produtor, assim como também de melhoria. É na classe de rendibilidade superior que se verifica o menor grau de pessimismo.

Quadro 3.5.5 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Níveis de Rendibilidade

Nível de Rendibilidade	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 0.5	25	28	18	27	17	16	22	27
0.5 a <=0.9	50	46	52	46	52	54	50	47
>0.9	25	26	30	27	31	30	28	26
Total	100	100	100	100	100	100	100	100
Total de Explorações	731	701	388	407	103	99	1222	1207

Dentro dos anos, o pessimismo aumentou dentro das empresas de rendibilidade extrema e o optimismo nas de rendibilidade intermédia.

O Ribatejo e Oeste é a região que interfere nas 2 situações, sendo o optimismo predominante ao pessimismo. Os resultados mais pessimistas foram obtidos nas regiões do Alentejo, Entre Douro e Minho e Beira Litoral com valores superiores a 15%, a admitirem uma degradação do horizonte profissional a médio prazo. Em Trás os Montes, é onde se concentra a maior satisfação no futuro, seguido da Madeira.

Quadro 3.5.6 - O Futuro da Profissão de Agricultor, por Região Agrária

Região Agrária	Pior		Igual		Melhor		Total	
	%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
E-Douro e Minho	20	18	19	16	6	5	18	16
Trás-os-Montes	11	14	23	23	42	32	17	18
Beira Litoral	15	15	7	5	12	5	12	11
Beira Interior	7	7	11	7	1	3	8	7
Ribatejo e Oeste	18	20	22	17	18	26	19	20
Alentejo	20	19	11	14	15	10	17	17
Algarve	1	2	2	9	0	3	2	4
R. A. da Madeira	8	5	5	9	6	15	7	7
R.A. Açores	0	0	0	0	0	0	0	0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100

Total de Explorações	731	701	388	407	103	99	1222	1207
----------------------	-----	-----	-----	-----	-----	----	------	------

A tendência mostra que o pessimismo aumentou no Ribatejo e Oeste, também em Trás os Montes e o optimismo continua concentrado em Trás os Montes, apesar de ter diminuído.

Quando se relaciona a perspectiva da vida profissional nos próximos **2 a 3 anos**, com a situação **presente**, quer na atitude pessimista, quer na atitude optimista, os resultados denotam um certo agravamento da **perspectiva pessimista**.

O pessimismo agrava em todos os tipos de empresários, apresentando uma relação de um a dois empresários pessimistas a médio prazo, para um actualmente, que consideram o momento actual menos grave que o futuro.

O optimismo é bastante escasso, havendo um grupo com cerca de 53% que se mantém optimista quer na situação actual quer na futura, e com 40% que passa da situação de igual para melhor.

3.6. Principais dificuldades sentidas pelo agricultor

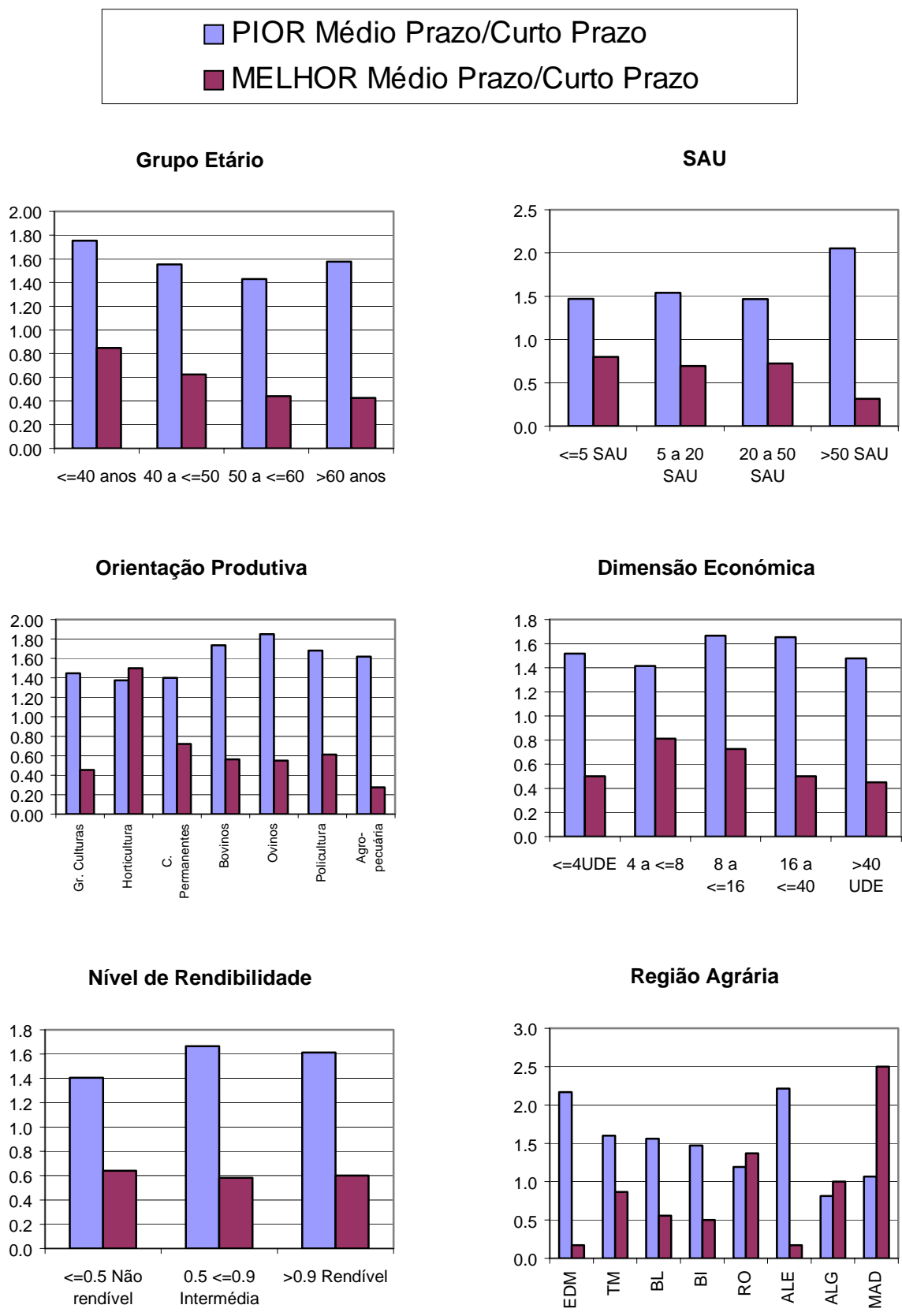
Pretendeu-se averiguar quais as principais dificuldades sentidas pelos empresários inquiridos, admitindo-se apenas referência à dificuldade à que é atribuída, pelo próprio, maior importância. Tratando-se de uma pergunta aberta, após análise e classificação do conjunto de respostas, constituíram-se cinco grandes grupos de dificuldades: Socio-políticas, Agro-climáticas, Economia da Empresa, Enquadramento Económico Global e Dificuldades Internas da Empresa.

Genericamente, as dificuldades associadas ao Enquadramento Económico Global da actividade das empresas (escoamento dos produtos, custo dos factores de produção, rendimentos e margens de lucro baixos, entre outras) foram as mais referenciadas (53% das respostas); em segundo lugar, foram referidos os Bloqueamentos Estruturais (Dificuldades Internas) das empresas, em 21% das respostas. Por ordem decrescente de importância, surgiram os factores Agro-climáticos, a Situação Socio-política, e finalmente, a Situação Económica da Empresa, com 7%, 11% e 7% das

respostas, respectivamente. De salientar, que cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.

Fig. 8 – O PESSIMISMO E O OPTIMISMO A CURTO E MÉDIO PRAZO

Relação entre o número de empresários com intenções activas a médio prazo por cada empresário com a atitude correspondente a curto prazo em 2000



A decomposição das dificuldades sentidas por classe etária denota uma tendência para a referência da Situação Agro-Climática e de Economia da Empresa na classe mais jovem, sendo esta última dificuldade referenciada pelo grupo de 40 a 50 anos; que também assinala o Quadro Económico da Empresa. O grupo de 50 a 60 anos apresenta as condições Agro-Climáticas e o Quadro Económico; por outro lado, de natureza Socio-Político são as preocupações dos empresários com mais de 60 anos, assim como as Estruturais da Empresa.

Dentro dos anos, as dificuldades de natureza Socio-Político aumentou bastante na Classe mais velha. As condições Agro-Climáticas, passou a ser um problema também nas duas classes mais jovens. No que se refere ao Enquadramento Geral da empresa, é a dificuldade que aumentou mais nas duas classes pelos jovens. A Economia na sua globalidade, é também acrescida nas duas classes mais velhas. Questões relacionadas com o Funcionamento da Empresa tem um incremento nas duas classes mais jovens.

Quadro 3.6.1- Principais Dificuldades por Classe Etária

Classe Etária	Socio-político		agro-climático		Economia empresa		quadro económico		estrutura empresa		Total	
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 40 ANOS	32	18	14	31	42	44	34	27	23	24	30	27
40 a <=50 ANOS	24	15	10	22	26	29	27	26	24	25	25	25
50 a <=60 ANOS	23	20	30	22	13	12	18	23	23	20	19	21
> 60 ANOS	21	46	36	24	19	15	21	24	30	30	23	26
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	97⁽¹⁾	99⁽²⁾
Total de Explorações	124	128	146	83	68	75	646	633	204	244	1188	1192

⁽¹⁾ Cerca de 3% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 1999

⁽²⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2000

As dificuldades referidas pelos empresários, quando desagregadas por classes de SAU, mostram-nos que nas duas classes de menor dimensão física das empresas há maior incidência das condições Socio-Políticas e Estruturais da Empresa. As dificuldades que resultam de limitações Económicas da Empresa em geral são mais insistentemente referidas pela classe de mais de 5 a 20 ha de SAU. As condições agro-climáticas referenciadas pela classe de maior SAU.

Dentro dos anos as dificuldades de natureza Socio-Político aumentaram relativamente na Classe pequena/média. As condições Agro-Climáticas, passou a ser um problema ainda maior nas duas classes extremas de área. É aumentado significativamente nas duas classes menores o Enquadramento Geral da empresa. A Economia na sua globalidade, é sentida com bastante intensidade pela classe pequena/média, e as classes pequena e média invocam as questões com o Funcionamento da Empresa.

Quadro 3.6.2- Principais Dificuldades por Classe de Área

Class(SAU)	Socio-político		agro-climático		Economia empresa		quadro económico		Estrutura Empresa		Total	
	%		%		%		%		%		%	
	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000	1999	2000
<= 5 ha	35	36	19	30	16	24	34	30	35	36	30	32
5 a <=20 ha	34	37	31	20	27	37	40	42	39	31	36	37
20 a <=50 ha	10	9	21	16	22	19	14	13	15	14	15	14
> 50 ha	21	18	29	34	35	19	12	14	11	15	16	16
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	97⁽¹⁾	99⁽²⁾
Total de Explorações	124	128	146	83	68	75	646	633	204	244	1188	1192

⁽¹⁾ Cerca de 3% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 1999

⁽²⁾ Cerca de 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade em 2000

O conjunto de questões de natureza Socio-política são referidos, com alguma insistência, pelas explorações predominantemente orientadas para Bovinos, Culturas Permanentes e nas diversificações Agro-Pecuárias. As dificuldades de natureza Agro-Climática possuem expressão considerável nas explorações orientadas para Bovinos e Ovinos que também salientam os aspectos decorrentes de limitações da Economia da empresa. Nos aspectos associados ao Enquadramento Económico Global, assumem grande peso as empresas relacionadas com as Culturas Permanentes. Com Dificuldades Estruturais encontram-se as empresas orientadas para as Culturas Permanentes e Agro-Pecuária.

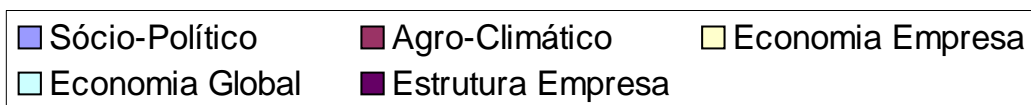
Relativamente à Dimensão Económica das empresas, apenas existem ligeiras variações na importância dada aos aspectos ligados ao Enquadramento Socio-Político, pela classe de 16 a 40 UDE, como também nas questões de natureza climática, e a Economia de empresa é por parte da segunda classe de menor dimensão económica;

As dificuldades resultantes do Enquadramento Económico Global encontram-se, com maior frequência, na classe de maior UDE e de Funcionamento nas classes com menos de 4 UDE e de 16 a 40 UDE.

Atendendo ao nível de Rendibilidade das empresas, verificam-se ligeiras diferenças entre as classes consideradas. As empresas consideradas rendíveis referem sobretudo dificuldades nas esferas da Socio-Política, do Clima e Enquadramento Económico das Empresas, enquanto que as intermédias insistem nas limitações resultantes do Funcionamento da Empresa e as não rendíveis na Economia Global.

Por especificidade das regiões, o Enquadramento Socio-Político aparece com muita intensidade nas regiões de Entre Douro e Minho, Ribatejo e Oeste, Alentejo e Beira Litoral. As condições Climatéricas são a preocupação de regiões como o Alentejo e Trás os Montes. Quanto à Economia das Empresas é concentradamente assinalado por Ribatejo e Oeste, Alentejo e Trás os Montes e a Economia Global com maior insistência no Ribatejo e Oeste. Finalmente o carácter estrutural é evidenciado pelas regiões de Trás os Montes e Madeira.

Fig. 9 – GRUPOS DE DIFICULDADES SENTIDAS PELOS EMPRESÁRIOS



Conclusões

A informação trabalhada tem origem num painel de 1207 produtores, devendo os resultados ser tomados com carácter meramente indicativo, sujeitos às habituais restrições colocadas em operações com estas características.

Os inquiridos manifestam algum pessimismo quanto ao momento actual, pressentindo um agravamento das condições profissionais no futuro próximo. Contudo, cerca de 13% pretendem continuar a desenvolver as suas explorações, prevendo assim um futuro mais optimista.

Quanto à intenção de modificação sensível em 2000, foram apurados os valores de 4.1%, 13.4% e 82.6% dos inquiridos, respectivamente para a diminuição, o aumento e a manutenção do actual sistema de produção. Verifica-se uma muito forte tendência para a estabilidade a curto prazo para a generalidade dos sistemas produtivos; contudo, foram encontradas diferenças significativas no peso relativo das atitudes activas, seja no sentido da retracção, seja no da expansão dos actuais sistemas produtivos. As intenções de modificação dos sistemas diferem com a classe etária dos empresários (aumento para os mais jovens e retracção para os mais idosos), com a dimensão física e económica (diminuição nas pequenas dimensões e aumento para as maiores) e com o nível de rendibilidade (aumento na classe mais rendível, manutenção na classe central e diminuição na de rendibilidade inferior), e com a orientação técnica (aumento para culturas permanentes e bovinos e diminuição para bovinos, grandes culturas, horticultura e ovinos) e com a região (aumentos em Trás os Montes e diminuições no Ribatejo e Oeste, Entre Douro e Minho e Beira Litoral).

As estratégias de médio prazo identificadas, retratadas através de três opções principais (manutenção, expansão e retracção), atingiram valores de 82.2%, 13.4% e 9.5%, respectivamente. Tal como nas intenções expressas relativamente ao curto prazo, predominam atitudes expectantes de não modificação sensível dos sistemas produtivos, distribuindo-se este posicionamento de forma quase uniforme por todas as regiões. Verifica-se uma coerência entre as posições face às opções de curto prazo, em

cada grupo de empresários formados a partir dos critérios de decomposição do painel.

Cerca de 80.2% dos agricultores não tencionam complementar o rendimento agrícola com outras fontes. No entanto, 18.4% dos empresários pretendem recorrer a fontes de rendimento externas à exploração; apenas 1.4% dos produtores contactados admitem desenvolver formas complementares de rendimento internamente na empresa, esta perspectiva é característica dos sistemas produtivos com uma sazonalidade mais acentuada de ocupação de mão-de-obra; como Culturas Permanentes e Ovinos. Relativamente aos outros sistemas diversificados, designadamente os que incluem actividades pecuárias, mostram o sentido de obtenção de rendimentos não agrícolas no exterior da empresa. A procura de rendimentos não agrícolas constitui uma opção, sobretudo, para os empresários responsáveis de empresas com menores níveis de rentabilidade.

Na opinião do inquiridos a expectativa relativa ao ano de 2000 assemelha-se à do ano de 1999, com agravamento das tendências pessimistas: as opções “*pior*”, “*igual*” e “*melhor*” agregaram 37.0%, 49.2% e 13.8% dos produtores inquiridos, respectivamente. O optimismo verifica-se com mais incidência nos grupos etários extremos, com dimensão física (SAU) e económica intermédia a superior, e com nível de rentabilidade das empresas médio a alto.

Sobre a perspectiva da actividade profissional nos próximos 2/3 anos, 58.1% declararam-se convictos de que no futuro próximo se assistirá a uma degradação da situação profissional, 33.7% consideraram que o quadro geral irá manter-se e apenas 8.2% consideram mais optimista o seu enquadramento profissional futuro. Ou seja, quando comparados estes resultados com os da questão anterior, denota-se um certo agravamento da tendência pessimista já referida para o corrente ano. Em todas as regiões predominam as atitudes pessimistas, verificando-se uma tendência para o agravamento no grupo etário superior. O pessimismo diminui com o aumento da dimensão física das empresas, excepção das com mais de 50 ha, sendo em tendência menor nas explorações agrícolas de Culturas Permanentes. O pessimismo é inversamente proporcional ao nível de rentabilidade das explorações agrícolas.

As dificuldades no Enquadramento Económico Global foram as mais referenciadas (53% das respostas) pelos inquiridos; nesta categoria de dificuldades sobressaíram, como principais dificuldades, o escoamento da produção, os custos dos factores e o nível de rendimento. Em segundo lugar, de forma distanciada deste primeiro conjunto, foram referidos os Bloqueamentos de Natureza Estrutural das Empresas (em 21% das respostas); os Factores Agro-climáticos, a Situação Socio-política e a Situação Económica da Empresa atingiram apenas 7%, 11% e 7% das respostas, respectivamente. Apenas 1% dos inquiridos não manifestaram qualquer dificuldade.